

Índios e globalização

Quase 12% da floresta amazônica de terra firme foi manejada pelos índios, promovendo 'ilhas de recursos'

A campanha da fraternidade da CNBB deste ano é sobre "Fraternidade e os Povos Indígenas". Busca-se suscitar solidariedade para com eles e favorecer o aprendizado de sua sabedoria ancestral. Hoje, segundo dados da ONU, existem cerca de 300 milhões de indígenas no

mundo. Nesse processo de globalização, por nós já abordado, qual a contribuição que eles trazem? Examinemos alguns pontos relevantes.

Sabedoria ancestral. Conhecendo-se um pouco as diversas culturas indígenas, identificamos nelas profunda capacidade de observação da natureza com suas forças e da vida com suas vicissitude. A sabedoria deles se teceu através da sintonia fina com o universo e da escuta atenta da Terra. Sabem melhor do que nós, casar Céu e Terra, integrar vida e morte, compatibilizar trabalho e diversão, confraternizar ser humano com a natureza. Nesse sentido eles são altamente civilizados embora sejam tecnologicamente primitivos.

Intuitivamente, atinaram com a vocação fundamental de nossa efêmera passagem por este mundo que é captar a majestade do universo, saborear a beleza da Terra e tirar do anonimato a fonte originária de todo ser, chamando-a por mil nomes: Palop, Tupã, Nmandu e outros. Tudo existe para brilhar. E o ser humano existe para dançar e festejar esse brilho.

Essa sabedoria precisa ser resgatada por nossa cultura dominante. Integração sinfônica com a natureza. O índio se sente parte da natureza e não um estranho dentro dela. Por isso, em seus mitos, seres humanos e outros seres vivos convivem e casam entre si. Intuíram o que sabemos pela ciência empírica que todos formamos uma cadeia única e sagrada de vida. Eles são exímios ecologistas. A Amazônia, por exemplo, não é terra intocável. Em milhares de anos, as dezenas de nações indígenas que aí vivem, interagiram sabiamente com ela. Quase 12% de toda a floresta amazônica de terra firme foi manejada pelos índios, promovendo "ilhas de recursos", desenvolvendo espécies vegetais úteis ou bosques com alta densidade de castanheiras e frutas de toda espécie.

Os ianomâmi sabem aproveitar 78% das espécies de árvores de seus territórios, tendo-se em conta a imensa biodiversidade da região, da ordem de 1.200 espécies por áreas do tamanho de um campo de futebol.

Para eles a Terra é mãe do índio. Ela é viva e, por isso, produz todo tipo de seres vivos. Tem de ser tratada com a reverência e o respeito que se deve às mães. Nunca se há de abater animais, peixes ou árvores por puro gosto, mas somente para atender a necessidades humanas. Mesmo assim, quando se derubam árvores ou se fazem caçadas e pescarias maiores, se organizam ritos de desculpa.

Essa relação sinfônica com a comunidade de vida é imprescindível para

garantirmos o futuro comum da própria vida e o da espécie humana.

Atitude de veneração e de respeito. Para os povos indígenas, bem como para muitos contemporâneos, tudo é vivo e tudo vem carregado de mensagens que importa decifrar. A árvore não é apenas uma árvore. Ela tem braços que são seus ramos, tem mil línguas que são suas folhas, une a Terra com o céu pelas raízes e pela copa. Eles conseguem, naturalmente, captar o fio que liga e re-liga todas as coisas entre si e com Deus. Quando dançam e tomam as beberagens rituais fazem uma experiência de encontro com Deus e com o mundo dos anciãos e dos sábios que estão vivos no outro lado da vida. Para eles, o invisível é parte do visível. Essa lição importa aprender deles.

A liberdade, é a essência da vida indígena. Nos dias atuais a falta de liberdade nos atormenta. A complexidade da vida, a sofisticação das relações sociais geram sentimento de prisão e de angústia. Os povos indígenas nos dão o testemunho de uma incomensurável liberdade. Baste-nos o depoimento dos grandes indigenistas, os irmãos Orlando e Cláudio Villas Boas: "O índio é totalmente livre, sem precisar de dar satisfação de seus atos a quem quer que seja. Se uma pessoa der um grito no Centro de São Paulo, uma radiopatrulha poderá levá-lo preso. Se um índio der um tremendo berro no meio da aldeia, ninguém olhará para ele, nem irá perguntar por que ele gritou. O índio é um homem livre."

A autoridade, o poder como generosidade. A liberdade vivida pelos índios confere marca singular à autoridade de seus caciques. Estes nunca têm poder de mando sobre os demais. Sua função é de animação e de articulação das coisas comuns, sempre respeitando o dom supremo da liberdade individual. Entre os guaranis se vive esse alto sentido da autoridade, cujo atributo essencial é a generosidade. O cacique deve dar tudo o que lhe pedem e não deve guardar nada para si. Em algumas tabas se pode reconhecer o chefe na pessoa de quem traz ornamentos mais pobres, pois, o resto foi tudo doado. Nós, ocidentais, definimos o poder sob sua forma autoritária: "A capacidade de conseguir com que o outro faça aquilo que eu quero." Em razão desta concepção, as sociedades são dilaceradas permanentemente por conflitos de autoridade. Imaginemos o seguinte cenário: caso o cristianismo, se tivesse encarnado na cultura política guarani e não naquela greco-romana, teríamos padres pobres, bispos miseráveis e o papa um verdadeiro mendigo. Mas sua marca registrada seria a generosidade e o serviço humilde a todos. Então, sim, poderiam ser testemunhas d'Aquele que disse: "Estou entre vós como quem serve." Os indígenas teriam captado essa mensagem como conatural à sua cultura e, quem sabe, livremente aderido à fé cristã.

Como se depreende, em tantas coisas, os indígenas podem ser nossos mestres e nossos doutores, como se dizia dos pobres na Igreja dos primórdios.

Acervo ISA

Artigo: JB (Opinião)

Data: 8/3/2002 Pg 13

Class: 797